

VIDA FLUMINENSE

Publicação Illustrada



ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

55000
105000
205000

PROVINCIAS

Semestre
Anno
Avulso

115000
215000
15000



*Offício procurando nos literários portugueses residentes no Brasil
A ideia não é nova, mas com todos os esforços...*

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 12 de Fevereiro de 1870.

Tendo estado gravemente enfermo, na semana passada, o nosso socio e desenhista Angelo Agostini de Almeida, não nos foi possível publicar o presente numero na data supra indicada.

Nossos assignantes nos desculparão sem duvida esta falta involuntaria, e primeira no decurso de mais de dous annos de publicação da *Vida Fluminense*.

Na presente semana, ou no mais tardar no começo da proxima, continuamos estar em dia com a entrega da folha.

E sem mais cavaco me permittirá o leitor que encerre a chronica.

* *

Antes de ir adiante.

Uma pequena observação:

Creio com todas as veras de uma alma christã no immenso poder e na infinita sabedoria do Creador.

Creio muito.

Mais nem sempre comprehendo as cousas deste mundo. Não comprehendo, por exemplo, porque quiz o Creador que adocesse o nosso desenhista, moço intelligente, trabalhador, honesto, moço enfim útil á humanidade em geral... e a *Vida Fluminense* em particular, quando andam por ali nedios, anafados, vendendo suade tanta gente inutil, por exemplo.... (ponha aqui o leitor alguns nomes conhecidos).

Não comprehendo! Não comprehendo!

* *

A proposito de doenças:

Ainda muito assustada com a febre amarella uma senhora excessivamente nervosa que conheço.

O marido, bom homem na mais lata accepção do adjectivo, inventa todos os dias uma mentirasinha qualquer para tranquilisar sua carissima e nervosissima metade.

Hontem ouvi eu esta:

— Santo Deus! A epilepsia torna-se cada vez mais intensa! (bradon a mulher lendo o obituario do *Jornal do Commercio*). Se eu morrer andarás de fumo alto no clapeo um anno inteiro? Quero que atorrins o mulatinho que criámos como nosso filho. Já que não quiz Deus que fossemos paes! E nunca te esquecerás de dar a espiquinha de milho ao meu papagaio! sim?

— Pois não, mulher! Farei tudo; mas não penses assim em cousas tristes!

— Se eu sei que breve morrerei do febre amarella! Olha este obituario; já ella dá cabo de trinta pessoas por dia.

— Isso é pta da gazeta: inibia cara. Quando a gente do *Jornal do Commercio* não tem com que encher a folha... enche-a com cousas destas!

E a mulher acreditou!

Tal e a confiança que tinha no marido. e no *Jornal do Commercio*.

* *

Outra:

Ha um frade no Rio de Janeiro que tem a mania de não andar muito assado.

Encontra-o o prior e diz-lhe:

— Porque não muda a roupa? Essa já está pouco decente.

— E' por causa da febre amarella.

— Não entendo.

— Vossa Reverendissima ainda não leu as recom-mendações da junta de hygiene publica?

— Já.

— E não vio que o Dr. Pereira Rego assevera que um dos meios de precaver-se a gente contra a epidemia é.... não mudar de habito?

* *

E basta por hoje.

* *

Reparo agora que por fim não escrevi a chronica.

Fica para outra vez.

A. DE C.

Bilha de tefte por bilha de azeite

Antes de seguir para a caridosa *comissão ecumenica*, certa autoridade ecclesiastica muito conhecida no Rio de Janeiro, andou de porta em porta esmollando pingues ofertas para o Santissimo Padre!

As beatas morderam na isca com incrível facilidade, e era um gosto ver como os ovos desapareciam do mercado, e o assucar dos confiteiros para, convertidos em alambazadas trozes e miçocas *lutas* irem a seu tempo guarnecer a opipara mesa do chefe da Igreja catholica!

Não faltaram, pois, ao feliz commissario, doces a levar e outros muitos presentes dignos de menção especial, e de um estomago habituado aux *boures gourmandises*.

Mas receber... receber sempre... sem dar alguma cousa: parece que era transacção avessa aos preceitos religiosos da autoridade em questão.

Era preciso mostrar a toda essa gente, que assim contribua para o esplendor da religião, todo o amor, e todo o reconhecimento que invadia a alma da santa autoridade.

Portanto, depois de pensar largamente no negocio, decidiu-se o nobre homem pela photographia. Um re-

tratinho é cousa barata e pagava de sobejo os presentes que já repousavam nos respectivos caixotes.

E' por isso que nas vespas da partida do vapor francez de um dos mezes passados, as freiras contribuintes e beatas docinhas, receberam um retrato photographado da autoridade, que lá se ia a obter o perdão de seus erros.

O retrato já era muito; mas a inscripção que se lia (e pôde ainda ler-se) no reverso, isso sim que é obra de um reverendo padre-mestre, digno das bênçãos de uma população inteira, e dos sorrisos do Pontífice-Rei.

Vejam... que impagavel pedacinho... doutripario?.

A's orphans de S. T.

Testemunho de gratidão
pelos ricos presentes que fizoram

A NOSSO SANTO PADRE PIO IX

e que en terci o prazer
a consolação

e a distincta honra
de depositar aos pés do

MAIS AMAVEL DOS HOMENS

do mais

AUGUSTO DOS SOBERANOS.

O Pontífice Rei Pio IX

O Grande!

Viva Pio IX. Viva! Viva!

Parece-me que o retrato, a epistola e os vivos fincos são muito superiores á mais valioso dadia e por conseguinte julga bem cabido o titulo deste artigo.

Recebendo ricos presentes, a autoridade recbia bilha de leite—o azeite neste caso ncha-se representado pelo retrato, e pela sublime dedicatória escripta no reverso!

Se sguem entender que a cousa assim não está lá muito de accordo com a lei das compensações, dou-lhe amplos poderes para fazer as correções que julgar mais acertadas:

S.

Uma viagem de bond

— Apre! que melodia! que musica! que estrondo! Este meu companheiro *toaz* de um modo formidavel, e *toaz* na sonora clave do nariz. E que nariz de pimento e que musica?

Porque ainda não experimentastes as harmonias do nariz, vós que nchastes musica no badalo das campainhas e nas borlas dos copos?

Oh! um nariz bem afinado deve ser extraordinario como um concerto á Gottchalk, e suave, viril como um *andante*, de rhythmo grave e pausado como um *allegro*, de movimento rapido como um *ménue*, ou de força como um *rondo*.

Mas o que ninguém sabe é a razão porque estou falando: pois sabe o publico que estou sentado n'um *bond*, tendo á minha direita um sujeito que rouca, sibila e assovia, mas só e puramente pelo nariz.

Já se viu emolção maior do que sair um christão do Gymnasio, para ir apreciando as harmoniosas notas de um nariz tamanho, que pôde aspirar as honras de uma mureta de congo?

Mas como disse: estive no Gymnasio, dei meus tres mil réis por uma sessão de pantomima animada, e afianço de boca cheia que a Ismenia esteve na sua altura, quero dizer, na altura do palco que é mais levantada que a da plateia.

Viram já o José do Telhado, despropósito dramatico que tem dado *melqueira* do encher. a gaveta?

Pois se não viram, não se incomodem, porque por tres mil réis prefiro ir no Clarini, ao Alcazar ou mesmo á Phenix, que não é aquella ave que tendo o ninho no altar do sol, sabe sempre reuscar.

Que bon idéa se o Lopez tivesse um exercicio-phenix? Repiljo a idéa: antes uma eleição no Rio Grande do Norte com suas discussões, etc., etc.

A Ismenia é uma grande cousa no José do Telhado: aquillo é que é arte, declamação, bom gosto e bom desempenho! Que venham cá Rachel, Mara, Dejazet ou Ristori que outro portento mais alto se levanta: isto de dizer-se levanta não sei se quer exprimir idéa de quem estivesse abnizado?

Ah! meu Deus! Como é bom de vêr-se e de sentir-se o estar um homem sentado na sua cadeira e eacancorar os olhos no porte gentil e donairoso da Ismenia, que multiplica-se como um por um que dá sempre um: leia exemplo: Isabel Soares, na *Soror Theresia*, a pastora de Ivry na *Aimée*, etc., etc., pontinhos e outros casos referidos no sermão de Santa Luzia.

Não é com vinagre que se apanham moscas, tenho certeza de rito e por isso, por mais que tenha applaudido a *prima-luna* do Gymnasio, ainda não lhe consegui mover um olhar termo e melancolico, desces que dão o céo n'um só instante. Será pelo meu *stud*? E' verdade que a Ismenia não sabe que me occupo com a sua pessoa em todos os espectaculos *ordinarios* em que entra; do contrario talvez me h'arriassse com um bilhete para o seu beneficio.

Mas qual! Não tenho cara de chixisbeu, nem de *claque* ur.

Á minha cara, com licença do leitor, é uma cara commum: barba toda raspada e cabellosa grisalha.

E o meu compunheiro de *bond* continúa na musica. Por foren alguém José Parica ou Zé qualquer cousa: porque um homem com um nariz tão dado a flauta é com certeza uma alma de pedico d'asno. Eilo-o que accorda, abre a boca, esfrega os olhos, coça a cabeça e espirra.

— Dominus tecum, digo lhe eu.

— Obrigado, caro senhor! Ah! meu amigo desculpe-me; se dormi é que estava sonhando com um impossivel.

— Qual, meu senhor?

— Vi em sonho a Ismenia na ilha das Cobras.

— Pois é impossivel á bella Ristori do Gymnasio ir á ilha das Cobras quando por 80 rs. ha um bote, *chauba* ou *couca* que o valha.

— Ah! Ah! Não refiro-me á ilha das Cobras que está no mar, falo da *ilha das Cobras* que está na Phenix.

— Ah! exclamou eu confuso por não ter logo attinado com o espirito do meu compunheiro. Fica pois entendido queo meu amigo tem espirito; agora de quantos grãos, isso é que não sei.

O crime de Pontin.



Emilio, 13 anos.



M.ª Kinck 42 a.



Henrique, 10 a.



João Kinck



João Bapt. Freppmann



Gustavo 17 a.



Alfredo Kinck, 6 a.



Maria Hortencia - - -

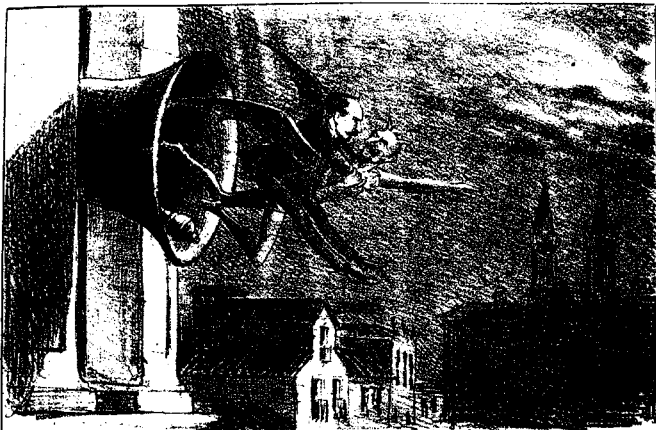


Achilles, 8 a.

A.

Seis retratos das Vítimas e do Assassino

N. B. Os retratos da família Kinck foram copiados do jornal ruense "Le Volant" e do M.ª Kinck e de seus cinco filhos menores, e os retratos do infeliz devese ao desenhado pelos agentes da polícia. João e Gustavo, e João Kinck serviram-nos as reproduções de seus photographias feitas antes da perpetrado o Crime. O do assassino foi copiado de uma photographia tirada na prisão duas depois do crime, e que nos foi obsequiosamente enviada por um amigo.



O Sino de S. Francisco de Paula, ou como o porta e o diabo commettam suas indiscrições nocturnas



Ouvindo pelas Chaminés

introduzindo-se por entre as telhas,

Espreitando pelas janellas,

passando pelos buracos das fechaduras

e entrando por baixo das portas

Recomendamos à policia estes dois gatinhos de segredos alheios

— Meu caro, continuou o ex-músico; digo ex, porque deixei de assoprar pelas ventas eu chamo-me... (um nome antigo)... sou engenheiro civil, tenho muita perspicácia; tanta como um itaposo; tenho ouvidos e apesar de está-cego vejo longe.

— Sim! Sim!

— Fui hoje ao Alcazar, de onde sahi ás 9 horas; assisti depois á representação do *José do Têtuado*, que é tão bom como um folhetim do fiasco *Correio Mercantil*. Ah! não sei se sabe que tenho encimenda de dous artigos: um contra o nariz d'um ministro e outro a favor dos dentes da lamenia.

— A lamenia tem dentes?

— Naturaes, pois não, o até dizem que artificiaes.

Neste interim o bond chegou a Botafogo.

— Vou para o Hospício de D Pedro II, disse-me o engenheiro.

— Ah! É sua casa?

O engenheiro deu uma gargalhada e enfiou, emquanto que eu, sem ser padre, nem ser mela, cabi no serviço das pernas indo para minha casa.

JOÃO MANOEL.

VERSOS DE UM VOLUNTARIO

O JABÁ (*)

Já cantei a *rapadura*
No meu tempo de desgraça;
Tambem, versos á *cachapa*
Fiz em era de ventura;
Creio que da lyra minha
Tambem uns sons á *farinha*;
Votei n'um soneto já:
Hoje co'a mão na *barra*
(Que a tanto dezoje obriga...)
Um canto eu ergo ao *jabá*.

Elle tem sido esquecido
Nos hymnos da minha terra,
E a seus serviços na guerra
Quem é que tem attendido?
Os proprio fornecedores
Que auferem lucros maiores
Quasi á custa d'elle só,
Deixam-no triste atirado,
Dos *porcos* no chão molhado,
Nos *galpões* envolto em pó!

Vêdo-o, collado! parece
O trapo que se mendigante
Cobre quando ao viadante,
Dirige de esmola a prece:
Mas ah! quando vem a fome
E a constancia vae, se some,
Fraguando ante esse mal,
O *jabá* ganha importancia,
E aos espiritos em ancia
Senecia um manto real.

Não! não ha, não ha terra
Melhor, mais certo alimento
Que possas o fornecimento
Nos proporcionar na guerra!
É melhor que a carne verde,
Pois, nos matto não se perde
Disparada como a rez;
É melhor que o peixe incerto,
Ao anzol furando esporto
A isca — de cada vez.

(*) É o nome pelo qual é no exercito em campanhas, conhecido o *chacaru*.

Do acampamento — inimigo,
Desde que o exercito avança,
A *capa* aos ares se lança
E lá bem longe se abriga,
Exce-tam-cum... pommada
Por um pulso inventada
Para a *barra* embrasar.
Por lei, n'esta concorrência
O *jabá* tem precedência
Na vida do militar.

O *jabá* para *churrasco*
Não serve; mas, bem assado,
Como presunto offereço
No campo — não faz *fiasco*.
A *vanagem* tem immensa,
Do que sempre o sal dispensa
E aprez-se em fogo qualquer:
Nas longas marchas forçadas
Por selvas, morros, picadas,
Ditoa quem o tiver!

Sem custo leva o soldado
Do *jabá* grossas fatias
Em rações pr'a muitos dias
No *barat* ao hombro alçado.
Para as longuissimas campanhas
E para as promptas sorpresas
Qual o alimento melhor?
Não se atraza uma victoria
Com elle e vae-se da gloria
Na estrada — a todo a vapor!

Em mais d'um acampamento,
O *jabá* vendo, o soldado
Maldiz-se todo zungido
O esperto *far-negario*.
Em tempo feliz foi i-so:
Havia feiço, chourico,
Pão, vinho, doce a faltar;
No *commercio* as *cartilhas*
Nasas: mil cousas divinas
Se faziam transformar.

Mas, do Lopez a campanha
No deserto é proseguida;
Fimda essa de *Lopez vida*
Com que saulade tamalha,
A tropa, então, tamalhando
Ante a fome, recordando
A sua injustica está:
Em seus sonhos vê mesquinha
Entre nuvens de *farinha*
Brilhar ovante o *jabá*!

N'aquelle transe horroroso
Não bastam altas palmeiras;
Nem magras hervas masteiras;
Elle invoca o céo piedoso.
Lembra que em remota idade
Com *mandá* a Divindade
Salvou o faminta Hebreu:
E *naíra*, *scysna* o soldado
Que esse *mandá* decantado
Foi o *jabá* que choveu.

Por falta d'elle recuaram
Do Matto-Grosso os valentes,
Quando — nobres imprudentes —
No Paraguay se internaram,
Mas, aqui brada o tyranno,

Vendo o brasileiro urbano,
Praxista e alcançal-o já;
E' maldito quem o seccorre.
Pois, se á fôme elle não morre
E' por causa do *jaba* ! *

O *jaba* — nosso patricio —
Tem jus a louros aos centos;
E' nos solomões momentos
Guarda-l'ella do *mon* jo.
Já parece um trapezista
E' da pautira no meio
Bello qual manto real;
Do Rio-Grande a riqueza,
Ao Ceará dá grandeza,
Ao Brasil faz immortal !

Acampamento do Rozário, 1 de Dezembro de 1869.

D.

SONETO

A um cavallo bato

Tenho pena de ti, meu velho baio,
Co'a *mentris* (*) não foste agraciado,
E demais, soffres conões resignado,
Tê de qualquer *pequira* parangauo !

Foste bravo em combates, foste raio
No correr, foste gordo e *arraçado*;
Hoje estás reduzido a tal estado
Que a cada instante vejo-te em desmaio.

Rednou-te um ladrão do regimento,
E o quartel-mestre o milho e alfafa tua
Foi comido, pr'a teu maior tormento.

Por magro foste entregue á sorte crua
De quem foi um herói em quasi um cento.
De *patês*, dever morrer... na rua !

Assumpção, Agosto de 1869.

D.

PHILOMELA

(Continuação.)

O moço boi antevia após tantos sonhos geutis,
tanta esperança risouha, a sua casinha triste e erma,
as suas noites solitarias, a companhia turbulenta de
seus amigos, companheiros de suas loucuras de outr'ora,
e tinha tédio.

Haverá muita gente por ahí que sorrirá ao ler estas
linhas.

O que lhe ao moço boi rico, bello, festejado por
todos, e desejado pelas mulheres, para poder ambi-
cioniar a vida onerosa do homem casado ?

Só ; o presente como o futuro são seus : todos os
desejos, todos os caprichos, todas as ambições e todas
as loucuras cabem-lhe sem a enorme responsabilidade
dos que tem a seu cargo a ventura de outros, pela qual
devem responder perante Deus e perante os homens.

Entretanto Arthur ambicionava esse pezoado encargo,
terrível espantinho de muita gente que por ahí vai.

Na sua idade já havia provado a taça de todos
esses prazeres fúteis, cujo gozo deslumbra tantas al-
mas fracas.

(*) Metaphra de *mentis*.

Rico, comprara todas as delicias que se vendem ao
brilho do ouro ; jocos e bello conquistara todas essas
venturas, eua que os fatuos levantam seu capitulo
ridículo ; e cedia enjajara esse viver insipido e tão
despido de aspirações.

E não se nas diga, que o tédio lhe viera, por haver
cuidado em um extremo vicioso.

Herdando toda a fortuna de seu tio, Arthur conti-
nuára sempre a sustentar em respeitavel posição a
casa commercial que recebera como dadia honrosa do
velho negociante.

Todos os dias, o trabalho, unica e verdadeira dis-
tracção que lhe proporcionava hora de felicidade,
detinha-o no escriptorio desde as dez horas da manhã
até as tres da tarde.

Durante essa parte do dia entregava-se do corpo e
alma á lida que se impozera como uma obrigação quo-
tidiana.

Quando, porém, á tarde findava o seu labor diurno,
e voltava á casa, achava-a erma, triste e sem attrac-
tivos que o prendessem.

Rutio, vestia-se, e sabia sem saber onde encontrar
o socorro, a tranquillidade, e a ventura que a sua casa
não lhe podia dar.

Algumas vezes levava consigo algum de seus in-
timos amigos a jantar ; mas qual a distracção que lhe
podia proporcionar esse amigo, se não aquella do que
elle já se sentia por demais farto ?

Entretanto parece que o homem, que se sente com
bastez fora intellectual, e rico, deve ter grande
aspiracão de posições sociais.

Qual, porém, o estímullo que levava Arthur a ambi-
cional-as ?

Qual o resultado vantajoso, se conseguisse alcan-
çal-as.

A sua casa tornar-se-lia talvez mais ruidosa, sem
se tornar mais alegre, o seu espirito mais preocupado
e não mais distrahido ; a sua alma mais atribulada e
não mais feliz.

Só uma coisa podel-a-lhe tornar ditosa : a familia.

E essa ligeira esperança de ventura que lhe fizera
estremecer o coração, elle temia vel-a fugir para sempre
sob a fôrma seductora de Martha.

Eis a razão por que o nosso heroe hesitava e temia
ao aproximar-se da casa mysteriosa.

Quando já se achava á pequena distancia da casa,
pareceu-lhe ouvir o rodar de uma carroçagem.

Reconheceu ser reconhecido, ou antes por esse movi-
mento instinctivo, que nos fôrça a nos secundarmos
de qualquer pezoa quando tomos empenho em não
ser conhecidos, Arthur encostou-se ao muro que bor-
dava a rua e onde alguns gallos que sobre elle se
debruçavam, formavam uma escuridão na qual bem
difficil seria reconhecer alguém.

Com grande passo seu, porém, o carro parou em
frente á casa mysteriosa.

O moço boi sahia immediatamente de seu esconderijo,
ansioso por ver quem se aprava do seg.

Está estava de modo, que a luz do lampião da rua,
devia aluminhar completamente a pessoa, que sahisse
pela portinhola esquerda, então voltada para o portão
da casa mysteriosa.

A curiosidade do nosso heroe não tardou em ser
satisfeita, pois que, uma forma esbelta e airoza saltou
ligeiramente do estubo da seg., e empurrando o portão
saiu-se no jardim.

(Continúa.)

DIDIMO JUNIOR.

TYPOGRAPHIA DO — DIARIO DO RIO DE JANEIRO



Retrato de Napoleão III feito na Itália